

DOMINGUES DE AZEVEDOBastonário da Ordem dos Técnicos
Oficiais de Contas

O papel do TOC

Num mundo cada vez mais competitivo, dinâmico e global, os critérios qualitativos são fundamentais para que qualquer profissão com ambições, seja ela qual for, vingue.

Fazer bem o que tem de ser feito, é uma divisa que devia ser extensível a todas as actividades. Mas para obter esse grau de desempenho, o esforço de actualização permanente e a monitorização das novas tendências devem ser constantes. Costumo dizer que o mais difícil não é chegar a um determinado patamar, mas sim manter e seguir esse grau de exigência, sem defraudar as expectativas.

Quase sem se dar conta (vaidade à parte), os Técnicos Oficiais de Contas são actualmente dos profissionais mais importantes para o dia-a-dia de uma nação, assumindo um papel central na gestão do sistema fiscal. Eventualmente algo desvalorizada, porventura devido à discrição com que é exercida esta actividade, é nas mãos dos lídimos intérpretes da profissão de TOC que reside boa parcela da dinâmica de empresas e empresários. É do ponderado e maturado aconselhamento dos profissionais que surgem as decisões dos empresários sobre se este é o timing exacto para avançar num negócio ou contrair um financiamento a leasing junto do banco, só para citar alguns exemplos práticos.

Se é discutido um projecto de investimento, o TOC terá de avaliar uma série de variáveis associadas: por exemplo, se o investimento vai ou não gerar fluxos financeiros suficientes para o encargo ou se o mercado vai absorver o que foi produzido. São actos preventivos e de acompanhamento absolutamente necessários que acautelam eventuais erros de interpretação. Pelo contrário, decisões empresariais com um défice de aconselhamento são meio caminho andado para um declínio financeiro. Uma autêntica bola de neve: uma resposta pouco ponderada pode desencadear um resultado financeiramente desastroso, levando a que o

empresário deixe de pagar as suas obrigações aos fornecedores, aos bancos e ao Estado.

É por isto que os TOC são os mais bem posicionados na tomada de decisão de quem dirige as empresas, afirmando-se como o braço que apoia o empresário. Está ultrapassado o paradigma do profissional que se limita a debitar e a creditar. Entrou-se, irreversivelmente, numa era sem retorno: o profissional que cria valor para a empresa e, por arrasto, para o País.

A interacção com os empresários revela-se, pois, fundamental, ainda para mais numa conjuntura em que os obstáculos que se deparam no rumo competitivo das empresas são cada vez mais difíceis de superar, desde a (in) justiça nacional, a pesada carga fiscal e os crónicos atrasos no pagamento de dívidas por parte do Estado.

E estará um empresário disposto a pagar por esta espécie de assessoria qualificada? Estamos seguros que sim, até porque quando um empresário é ambicioso e tem horizontes largos, não discute quanto vai desembolsar, mas antes o que recebe em troca do TOC pelo facto de pagar uma quantia elevada. Entendamo-nos: o que os empresários mais desejam é obter retorno seguro do trabalho desenvolvido pelos TOC.

Um dos maiores escolhos que se colocam ao nível do País é a cristalização das mentalidades. Também neste domínio, a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas tem vindo a procurar derrubar barreiras que se criaram, com o passar dos anos, entre empresários e profissionais. As parcerias com diversas associações, tendo o Sistema de Normalização Contabilística (SNC) sido um bom pretexto para abrir portas que se julgavam fechadas a sete chaves, é disso prova. Não podemos estar de costas voltadas. A cooperação interessa a todos e, acima de tudo, contribui para a criação de riqueza, numa altura em que Portugal se encontra tão carenciado. ■

